

INTRODUÇÃO

UM DIA NORMAL

O sol começa a surgir com muita preguiça no horizonte. Seu brilho já não é mais o de outrora. Vem chegando o inverno, as temperaturas caindo, o tempo não tarda a fechar. Logo uma chuvinha fina começa a bater na janela, o que parece prendê-lo na cama; sinto o corpo mais pesado que o normal. Já naquela vontade de ficar escondido sob os cobertores.

O despertador insiste em emitir um ruído desagradável, não sinto vontade nem de erguer-me para desligá-lo. Com muita relutância levanto-me da cama, o piso está gelado. Coloco minhas pantufas. Sinto um ar úmido e gelado tocar meu rosto e pescoço, dando-me um certo arrepor. O pijama é a única veste a me aquecer.

Dirijo-me ao banheiro, onde os azulejos tornam o ambiente ainda mais frio. Abro a torneira para lavar o rosto e escovar os dentes. A água parece enjecer minhas articulações. Minhas mãos doem. Antes de tirar a roupa para iniciar meu banho preciso ligar a estufa, amenzando assim os efeitos do frio. Mesmo assim ao tirar minhas vestes, meu corpo começa a tremer em uma tentativa quase inútil de aquecer os músculos. Ouço o barulho dos dentes a se debaterem e reclamarem do frio. Imediatamente ligo o chuveiro e fecho todas as janelas para não deixar o vapor escapar. A água quente do chuveiro faz-me sentir melhor, e mesmo tendo terminado o banho, não sinto vontade, mais uma vez neste dia, de abandonar um recanto de calor.

Meus compromissos me chamam. Desligo o chuveiro e vou me vestir. Já na cozinha, o cheirinho do café abre o apetite, com uma mesa farta de produtos caseiros.

Depois do café, saio para trabalhar, o vento frio parece dilacerar meu corpo. Minhas orelhas congelando. Já não sinto meu nariz. Nas ruas, apenas os estudantes dirigindo-se às escolas e os trabalhadores indo para seus postos de serviço. Para completar a paisagem, apenas poucos carros passando, os passaninhos encolhidos na copa das árvores, e algumas folhas de velhos jorrais sendo levadas pelo vento.

As horas não passam. As ruas sempre vazias. Durante o intervalo, vou para uma lanchonete. Ela está lotada. Amigos conversando, muita nsada e todo mundo colocando o papo em dia. Pela terceira vez no dia não sinto vontade de sair de um ambiente quente e aconchegante.

Já antes do fim do expediente, o sol desapareceu completamente. Ao sair do trabalho vou para casa o mais rápido possível, para não ter de enfrentar o frio por muito tempo.

Abro a porta de casa e corro para o quarto, trocar de roupa e colocar algo mais quente e confortável. De volta à sala, já tendo jantado e estando com o pijama sob as demais vestes, sem ter o que fazer ou para onde ir, sento em frente à televisão junto com minha família e aproveito o calor da estufa. Quando a novela chega ao final, todos vão para seus quartos, entupir-se de cobertas e dormir até que o sol volte a surgir, e o despertador volte a berrar desesperadamente, iniciando assim, um novo dia normal.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O frio, com toda sua atmosfera decorrente e sua rigorosidade, acaba por interferir incessantemente nas atividades desenvolvidas no cotidiano de uma determinada população. Nestes períodos, muitas pessoas acabam por restringir suas ações ao simples fato de percorrer apenas os caminhos estritamente necessários ao longo de seu dia; como por exemplo, casa-escola-casa, ou casa-trabalho-casa. Deste modo a vida social delimita-se muito precocemente, gerando um círculo muito pequeno de convívios.

Pense agora que em uma determinada cidade não é frio apenas no inverno, mas durante a maior parte do ano. Esta cidade não apresenta teatros ou cinemas, nem mesmo bibliotecas ou museus decentes, que façam você desejar sair de casa para aumentar seu conhecimento cultural. Se você gosta de praticar esportes para enfrentar o frio, pode ficar triste, pois os poucos lugares propícios para isto são particulares, e são inacessíveis para a maior parte da população. Se você gosta de shows e casas de dança (sendo que os artistas locais não são valorizados), dificilmente ocorrem boas festas. Mas se por acaso, você insistir e for a mais de uma delas, provavelmente encontrará as mesmas pessoas nestes locais, "os mesmos filhinhos dos mesmos papais".

UM DIÁLOGO

-Uhm, então o que as pessoas desta cidade fazem para se divertir?
Bom, por incrível que pareça, elas entram em seus carros, e ficam rodando horas pelas mesmas ruas, em um percurso circular que pode te deixar tonto. Ah, mas às vezes elas param os carros, porém dificilmente saem deles. Ficam paradas em postos de gasolina ou estacionamentos de lanchonetes, geralmente bebendo cervejas ou vinho.

-E quem não tem carro?
Ih. Ai a situação é pior. Além de serem mal vistos por todos, e serem, de certa forma, excluídos do grupo dominante, acabam reunindo-se com outras pessoas também excluídas para tomarem cachacha nas esquinas das mesmas ruas onde a outra parte da população passeia em seus veículos.

-E não acontece encontro social nos espaços públicos?
Dificilmente. O único modo de encontrar pessoas de classes sociais diferentes é na fila dos bancos, e isso quando os mais abonados não mandam os outros fazerem seus serviços.

PONTO DE PARTIDA

O arquiteto deve ter uma obrigação perante a sociedade, pois afinal de contas, é a partir de sua lapiseira e de suas idéias que o espaço urbano de uma cidade começa a ser desenhado e modelado. Principalmente quando constituído de um órgão público, ele tem o dever de estudar a problemática urbana, e com o seu conhecimento e seu título de urbanista, apontar as soluções mais adequadas ao crescimento e desenvolvimento das cidades, bem como à melhora da qualidade de vida da população nela existente.

E no caso desta cidade, O que podena fazer um arquiteto para melhorá-la, e incentivar o convívio social? Como sena um local adequado para este convívio? Que atrativos tena? Como sena sua arquitetura? Com que materiais e técnicas construtivas enfrenta o frio?



A CIDADE

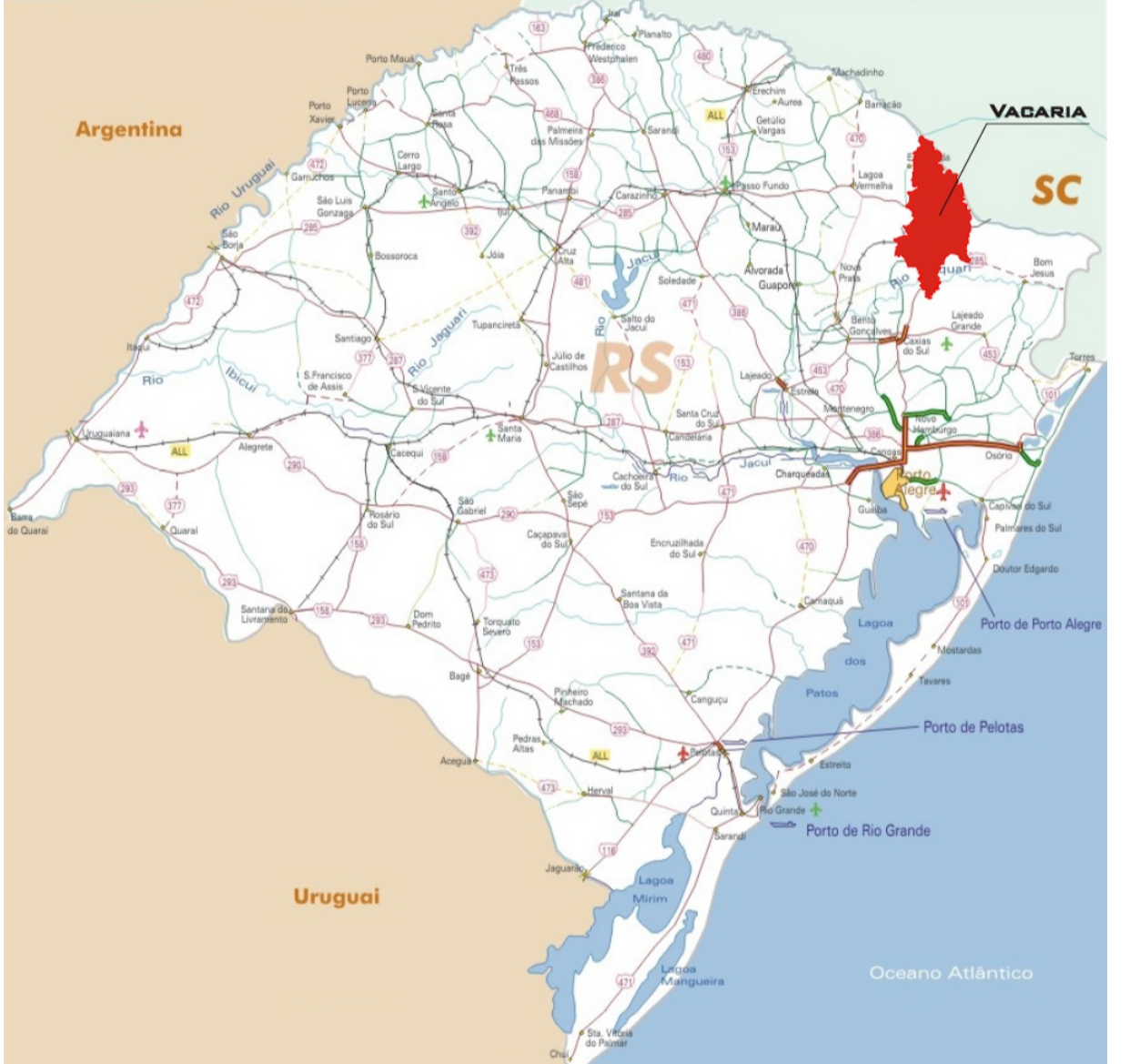
O local escolhido para a realização do estudo é minha cidade-natal, Vacana, situada no Estado do Rio Grande do Sul, nos altos dos pampas gaúchos, onde sopra o vento miunano, e na qual morei durante 18 anos, convivendo e sentindo na pele a falta de espaços de convívio para o clima frio.

DADOS GERAIS
Município: Vacana
Fundação: 22 de outubro de 1850
Gentílico: vacanense / vacanano
LOCALIZAÇÃO
Latitude: 28°30' S
Longitude: 50°56' O
Estado: Rio Grande do Sul
Meso-região: Nordeste Rio-Grandense
Micro-região: Vacana
Municípios Limítrofes: Lages (SC), Monte Alegre dos Campos, Bom Jesus, Campestre da Serra, Esmeralda e Muitos Capões.
Distância até a capital (POA): 240km
CARACTERÍSTICAS GEOGRÁFICAS
Área: 2.123,674 km²
Altitude média: 971 m
População: 62.261 hab
Densidade: 29,3 hab/km²
Clima: subtropical Cfb
Temp. média anual: 15°C
Fuso Horário: UGT -3



De um modo generalizado, o clima é subtropical de altitude, ou seja, no inverno a média máxima é de 10°C, e a mínima de 2°C. Já no verão o clima é ameno, com a média máxima de 22°C e média mínima de 11°C. A menor temperatura já registrada na cidade foi de -1,0°C, sem mencionar o efeito da sensação térmica.

Fonte: Prefeitura Municipal de Vacana - PMV



Posição geográfica de Vacana, em relação ao Rio Grande do Sul

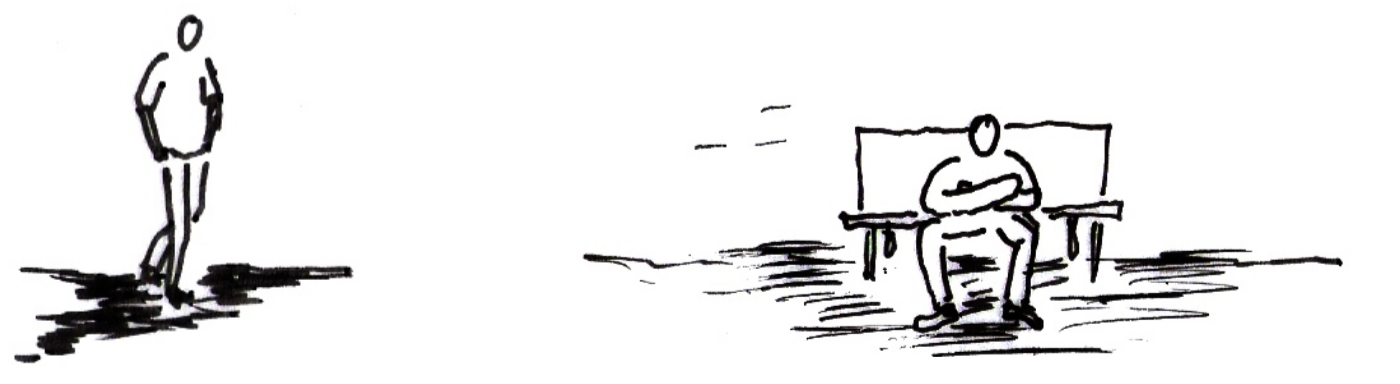


Marco de pedra com a inscrição S.J. 1692, demonstrando a presença dos jesuítas espanhóis em Vacana



Indígenas típicos dos aldeamentos jesuítas

Fonte: PÁGINA DO GAÚCHO, 2007.



Os tropeiros, realizando seu trabalho e sua paixão.



Os campos e o gado vacanano



Trajes típicos da cultura gaúcha

Fonte: PÁGINA DO GAÚCHO, 2007.

CLIMA Cfb segundo Köppen

C – climas mesotérmicos (temperatura média do mês mais frio inferior a 18°C e superior a -3°C, ao menos um mês com média igual ou superior a 10°C).

f – sempre úmido (mês sempre chuvoso com precipitação superior a 60mm).

b – verões brandos (mês mais quente com média inferior a 22°C)

Fonte: Wikipédia

OBJETIVOS

O tema escolhido pode abrir a discussão sobre o papel do arquiteto no contexto social e cotidiano de uma cidade, e a influência de suas propostas de organização de espaços públicos, sobre a população em geral.

Para a cidade alvo do estudo, ele pode, além de ser uma alternativa ao cotidiano da população, servir como estímulo aos seus habitantes, para que lutem por uma vida social mais humana, e para que a cidade lhes proporcione este bem estar.

O objetivo principal é pesquisar meios atrativos à interação social, principalmente relativos ao clima frio; desenvolvendo um equipamento urbano com esta finalidade na área escolhida. Este equipamento deve buscar a identidade da população local, e a partir dela, voltar-se para o futuro.

HISTÓRIA

A cidade de Vacana localiza-se no nordeste gaúcho, na região do Planalto Serrano, também denominado Planalto Soberbo.

"Delimitado por dois caudalosos nos – o das Pelotas e o das Antas – que correm por entre escarpas e penhascos das serras de iguais denominações, respectivamente, ao norte e ao sul, bem como pela ante-mural dos Aparados da leste e pelo Mato Português a oeste, o Planalto Soberbo assemelha-se a uma extensa e quase inexpugnável fortaleza.

Cingida por esta, a paisagem regional apresenta-se atraente e acolhedora, em campos de primeira qualidade que constituem a zona pastoril do nordeste do Estado.

Aqui e acolá, ressaltam aos olhos do observador, belíssimos campos, onde se destacam gigantescos pinheiros encimados por maravilhosas taças". (OLIVEIRA, 1959).

Estas terras eram inicialmente povoadas por três etnias indígenas. Seus habitantes primitivos eram os Guaranis, os Caingangos, também denominados "Coroados", devido ao seu corte de cabelo, e os Botocudos. Todas elas, juntamente com os índios Guaranis, tiveram papéis fundamentais durante a Missão Jesuítica realizada no sul da América no início do Século XVII.

"A primeira ação européia de ocupação do Rio Grande do Sul deu-se através das Missões Jesuíticas, tanto portuguesas quanto espanholas. As Missões Jesuíticas portuguesas chegaram ao Rio Grande do Sul em 1605, estabelecendo reduções desde o Mampituba até a zona do Gravataí. Para elas faltou o apoio da Província dos Jesuítas no Brasil; também sofreram hostilidades dos bandeirantes e, por isso, o ciclo português não deixou marcas duradouras no Rio Grande do Sul.

Ao contrário, os espanhóis ocuparam a zona compreendida entre Ijuí e o Rio dos Pardos, fundando reduções onde se dedicaram à agricultura e à criação de gado trazido de Comrientes, Argentina". (BORGES, 2001).

Da grandiosa atividade pecuária ali estabelecida, fundou-se a Vacana del Mar. Com a criação das reduções jesuíticas, ocorre também a vinda de bandeirantes em busca de mão-de-obra indígena para trabalhar nas lavouras açucareiras. Ao mesmo tempo, no entanto, acontece o fim do domínio holandês no Brasil, restabelecendo assim o tráfico de escravos negros e a proibição de escravos indígenas, deixando os bandeirantes sem "produtos" a serem levados.

Nas vacanas a criação de gado prosperava, e tomou-se então o alvo dos saques bandeirantes. Nestes ataques, grande quantidade de gado era exterminada. Apenas o couro era aproveitado, sendo transportado então para a Argentina, onde era depois levado até a Europa. A carne não era consumida, e todo o resto do corpo animal era deixado para apodrecer.

O abate predatório na região de Vacana del Mar, fez com que os jesuítas buscassem um novo local para fixar seu rebanho. Reunindo boa parte dele e partindo para outras terras, chegaram em 1672 a uma região mais segura e elevada, protegida por um conjunto de serras, no nordeste gaúcho, onde fundaram, em 1677, a Vacana dos Pinhas (Baquena de Los Pinhales).

"O étimo Vacana, segundo dicionário da Língua Portuguesa, de Antônio de Moraes, edição de 1813, significa vacum. Já vacada é manada de vacas. Ainda Vacana é um lugar em que se encontra grande quantidade de gado selvagem ou chimarrão. Dizia-se antes fazer vacana, o que significa abater numerosas cabeças, para aproveitar o couro e o sebo." (GARDELIN, 1996 apud BORGES, 2001.)

Pouco tempo depois, ocorreu no Brasil a descoberta das minas e com isso o fim do ciclo açucareiro, modificando o foco do eixo econômico do país para a atual região de Minas Gerais.

Nesta nova atividade, no entanto, o uso do gado era imprescindível para o transporte de mercadorias, criando uma ligação entre o Rio Grande do Sul e a região mineradora.

Inicialmente a região de Vacana dos Pinhas foi atacada por contrabandistas, e logo após por incursões oficiais da corte portuguesa, que tinham fundado em 1676 a cidade de Laguna, com objetivo de tomar-se sua sede. A primeira vinda oficial ao planalto gaúcho foi realizada em 1765, sendo conhecida como a frota dos 31 laqueados, chefiada por João Maqalhães. Após ele vieram Brno Penxoto e Crnstóvão Pereira de Azeu.

Souza Fana foi quem rompeu definitivamente o isolamento do Planalto Soberbo com a Vacana dos Pinhas. Ele, ao chegar no topo da região assim a descreveu:

"Subida a Serra, dei logo com campos e pastos admiráveis, e nele a imensidade do gado, tirado das campanhas da nova colônia e lançados naquele sítio de Tapes das Aaldeas dos Jesuítas. Da costa que corre quase desde Santa Catarina até a Lagoa dos Patos e Rio Grande, cercada de ásperas montanhas que chamam de pinhas, puseram os índios guaranis no ano de 1709, umas Baquenas, cerca de 100 mil cabeças soltas, sem temor dos portugueses, como em terra própria. Porém no ano de 1729, entraram os portugueses, abriram caminhos, saquearam as Baquenas, deixando na cruz, antes marcada pelos jesuítas, este letreiro: Viva El Rei de Portugal, a 10 de julho de 1729. Pelo mesmo caminho há sacados milhares de cabeças de todo o gado, cavalo e mures". (DUARTE, 1945 apud BORGES, 2001)

Os campos gaúchos não possuíam divisas nem donos, e todo o gado encontrado nele era apreendido. Surge então a figura do tropeiro, que comandava um grupo armado e fazia o transporte do gado para Sorocaba, onde era vendido então para outros tropeiros, que o transportavam para a região mineradora.

A necessidade de povoar a região gaúcha que prosperava na atividade pecuária, fez com que em 1730, a região fosse dividida em sesmarias concedidas aos tropeiros. Nelas foram construídas Estâncias, que utilizavam como mão-de-obra a figura do peão.

Durante o período do caminho dos tropeiros, a economia gaúcha acabou por consolidar-se na atividade mercantilista, através da venda de produtos como o charque e o trigo, que teve seu cultivo incentivado pela vinda de imigrantes açonanos para a região.

Colonos alemães e italianos também vieram para o local, trabalhando em pequenas propriedades agrícolas e vendendo o excedente de sua produção. Uma classe enriquecida começou a formar-se; eram os senhores da terra e do gado, e mesmo com o declínio da atividade mineradora no centro do país, o Rio Grande do Sul já havia firmado sua importância na economia nacional.

Alguns dos sesmeiros acabaram nunca ocupando suas terras, e assim perdendo o direito sobre elas. Entre 1760 e 1770 ocorre a vinda de novos imigrantes, com a intenção de povoar estas terras. Os irmãos laqueados Manuel, Francisco e Joaquim Rodrigues de Jesus, junto com os paulistas Antônio Borges Vieira, e José Campos Brandenburg, com suas respectivas famílias, acabam por ser os primeiros moradores efetivos da região.

A QUEIMA DO CAMPO

Como de costume na região, quando está para começar a primavera, todo campo destinado ao engorde de gado é queimado, para que sua pastagem seja renovada e os nutrientes do solo sejam melhor aproveitados. Em certa ocasião, por volta de 1750, na semana cedida a Manoel Rodrigues de Jesus, um de seus peões fora realizar a tradicional queimada de campo. O inverno havia sido rigoroso, com muitas geadas, o campo estava totalmente seco, o que facilitava a propagação das chamas. Ao atear fogo ao campo, ele logo se propagou em todas as direções, ficando apenas limitado por dois arroios. Ao fim da tarde, o camponês voltou para verificar o desempenho da queimada, e notou que havia uma região circundando uma pedra, onde o fogo não havia queimado a pastagem. Ateou novamente fogo nesta região e estava dirigindo-se até o arroio. Ao olhar porém, por entre a espessa nuvem de fumaça e as chamas, percebeu um vulto sobre as pedras que chamou sua atenção. Aproximou-se. O que viu foi a imagem de uma santa; era a estátua de Maria, mãe de Jesus. Caiu então de joelhos. Correu para casa avisar o fato ao posseiro, que não demorou em retirar a santa de lá e construir para ela um local privilegiado em sua casa.

Com a imagem em casa, reuniram-se em torno da santa, e rezaram um terço em louvor a Nossa Senhora da Oliveira, que tornou-se então sua Padroeira. No outro dia, tiveram a idéia de engr para ela uma capela, próximo ao local onde ela fora encontrada. A capela foi construída com paredes de pau-a-pique e coberta com capim, onde foi também enfiado um altar para depositar a imagem. Tornou-se costume para os moradores da região dirigirem-se até lá ao fim da tarde para rezar. Romanos começaram a ser organizadas em todas as cidades vizinhas, e logo uma grande quantidade de pessoas pensava em edificar suas casas mais próximo da santa.

Um padre vindo de Viçosa, ao ver a imagem e a situação precária da capelinha, decidiu levar a santa para outro local, em um fato que até hoje é lembrado pela população através da narração do vacanano Dr. Manoel Duarte:

"O pastor, sobrevivido, cujo nome a imaginação lendária, jamais, nunca, identificana, não consente permaneça aquela belíssima imagem artística de Nossa Senhora da Oliveira em rancho grotescamente humilde, onde apenas penetra, para arrebatá-la à compungida admiração dos crentes, cujo era consolo. E pois, de pronto e inflexivelmente a resolve conduzir para alguma igreja mais condigna, no litoral, onde promete entronizá-la. Não valera veementes protestos dos fiéis, que o anônimo servo de Deus a leva consigo. Bem se pode avaliar aquele instante de suprema tristeza e desespero daquela gente simples e profundamente devota, em se indo a ficar sem a santa, no encanamento de seu degado.

O bom pastor, porém, resiste aos clamores coletivos e, alegando o seu dever sagrado de a colocar em melhor altar, a transporta serra a baixo no colo, a cavalo.

Assombroso milagre, visto dos zeladores do singelo templo usurpado e comunicado, em alvorço, à irmandade rural, sucede na manhã imediata: ao abrirem a porta do santuário que supunham deserto e inconsolável, encontraram resposta no seu nicho dileto, a autêntica imagem de Nossa Senhora de Oliveira.

Nada mais claro, mais eloqüente, nada, do que aquele feliz augúrio de inegável prazme divino aos justos ansios piedosos daqueles filhos de Deus.

Entretanto, logo à tarde, volta o vigário forasteiro e implacável, amargamente começa a queixar-se de lhe haverem furtado a imagem da Senhora, no primeiro pouso do caminho. E, de novo a resgata, e de novo a leva consigo, em desabalada definitiva, metendo-a na canastra, rigorosamente chaveada, surdo aos reiterados rogos afligentes dos devotos compungidos. Duro castigo já agora o exemplana, para sempre. Na Serra das Antas, pranchiea-se-lhe o cavalo, quebrando-lhe, na queda, uma das pernas. Apenas socorrido no sinistro desastre, não mais vê a imagem da Virgem Mãe, que havia, outra vez desaparecido, naquela queimada retardante. Em sarando, avassaladamente desde do impto intento de muá-la, edificado, em suma no sofrimento a expansão daquele sacrilégio punido à própria. Tanto que pode andar, surge na aldeia da Senhora da Oliveira e previamente vai tranquilizando os moradores beatos, a quem promete interceder, a preceito, pela vinda de sacerdote residente e pela criação da Capela curada, para que se exultasse a padroeira e não mais prvasse aquela gente da veneração e proteção da Mãe Santíssima". (OLIVEIRA, 1959)

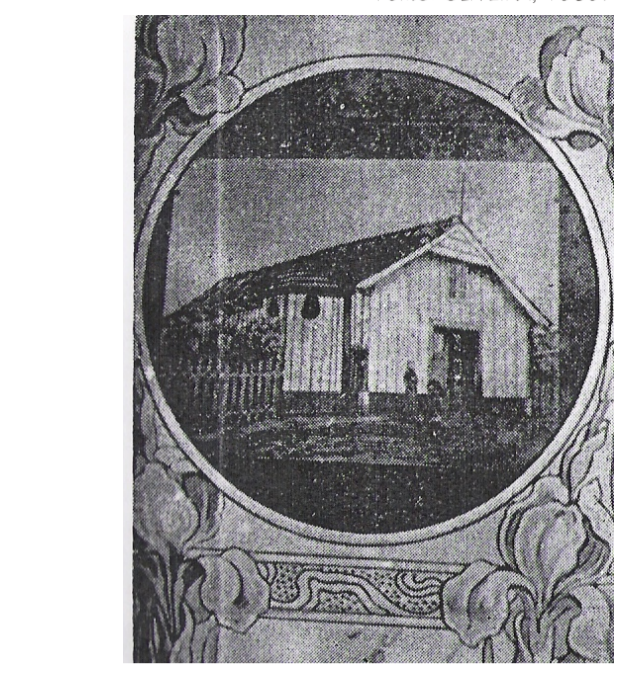
Desta forma, e em prova de amor, devoção e gratidão, o povo prometeu engrir em tempo oportuno, uma igreja em sua homenagem. Assim, algumas gerações depois, em 14 de janeiro de 1900, foi lançada a pedra fundamental da igreja matriz de Nossa Senhora da Oliveira, sob o patrocínio de toda a população, vindo a ser o principal marco da cidade.

A belíssima igreja apresenta arquitetura neo-gótica, e atualmente passa por um processo de restauração.

Antes da construção da catedral definitiva, a freguesia de Nossa Senhora da Oliveira, que já havia atraído muitos sesmeiros para seus arredores, fez parte da Formalização Real de 1809, onde incorporava-se a um dos quatro primeiros municípios do Rio Grande do Sul, Santo Antônio da Patrulha.

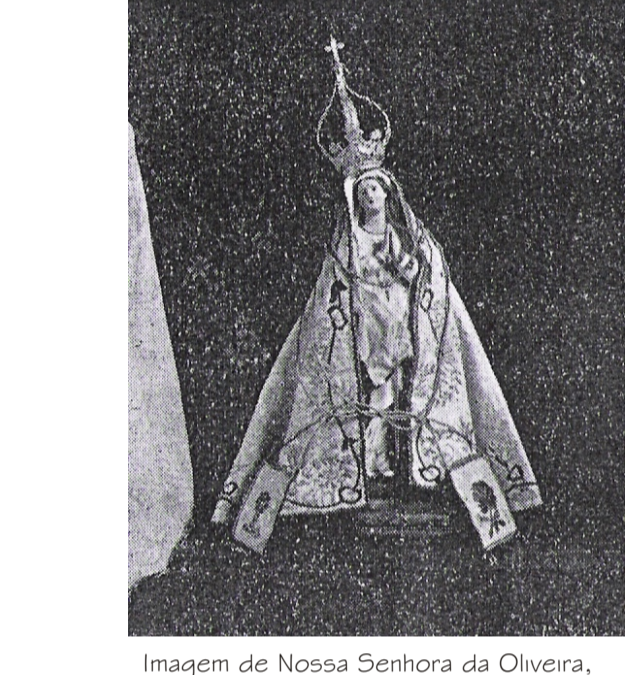
Em 1850, Vacana recebe autonomia, sendo fundada como vila, e em 1936, passando à categoria de cidade.

Em seu centro, nos arredores da igreja, estabeleceram-se pequenos comerciantes com lojas de secos e molhados, sapatanas, ferreiros, carpinteiros, hospedarias e diversas outras atividades.



Fonte: OLIVEIRA, 1959.

Igreja velha, erigida em consagração a Nossa Senhora da Oliveira.



Fonte: OLIVEIRA, 1959.

Imagem de Nossa Senhora da Oliveira, encontrada durante a queima do campo.



Fonte: Acervo pessoal.

Nova catedral, que marca o centro da cidade.



O FRIO E O ENCONTRO

EM BUSCA DE UM ESPAÇO DE LAZER PARA VACARIA-RS

ACADÊMICO:
VINÍCIUS ZIEGLER VALIM

ORIENTADOR:
NELSON SARAIVA

PRANCHA: 01 / 10

